

Recife Rio de Janeiro Chapada dos Guimarães Eco-chefs Colombo

# Fugas

Edição especial  
Brasil, mostra  
a tua cara

Amazónia  
A solidão da selva  
e o sabor do Pará

Campinas  
No rasto  
da selecção  
portuguesa



# A banda larga da natureza

Na era digital e dos telefones sempre à mão, a Amazônia é um gigantesco recanto onde só é possível ter ligação à natureza. Depois (ou antes) do mergulho na selva, vale a pena ir ao Encontro das Águas tirar a temperatura aos rios Negro e Solimões. Hugo Daniel Sousa (texto) e Nelson Garrido (fotos)

**M**anus ficou para trás. Não há carros, nem prédios, nem gente. Não há trânsito nem berrarias. Os telefones não tocam. A Internet não existe. Não há ecrãs nem televisões. Aqui, na Amazônia, a 100 quilómetros de Manaus, mandam a natureza e o rio, que é a estrada por onde se entra e sai. Os motores dos barcos, que se ouvem aqui e ali, produzem o único ruído que perturba o domínio absoluto da natureza.

Paramos o barco e entramos no meio da floresta, para uma caminhada de hora e meia. Mateus, o nosso guia, pega na catana. “É a arma principal para a caminhada. Sem catana é muito perigoso”, diz este “índio de pai e mãe”, nascido em Waupés, perto da fronteira com a Colômbia. Seguimos por um trilho, de forma a evitar as cobras, o principal perigo nesta zona. Olhemos para o chão, porque é por aí que elas andam. Jararacas (o nome que no Brasil se dá à sogra), cascavéis e sururucus são as cobras mais comuns na Amazônia.

Mateus foi criado numa aldeia a cinco horas de barco de Manaus. Sabe muito sobre a floresta. Tem

participado em projectos de manutenção da cultura indígena, ajudando, por exemplo, a fazer livros adaptados à realidade das crianças índias. Talvez isso ajude a explicar o facto de a cada passo nos desvendarmos os segredos da floresta. Aponta para um cipó de água, uma árvore alta como quase todas na Amazônia, onde há uma luta pelos raios de sol. “A água do cipó pode ser consumida. E é muito boa para as cólicas dos bebés”, explica.

Mais à frente, nova lição. A palmeira de babaçu é multiusos. Além de ser comestível, o coco dá para fazer óleo e sabonete. A madeira serve para construir casas e as folhas para as coberturas das habitações. Dentro do coco, descobriremos mais tarde, há um bicho do coco, bem nutritivo, garante Mateus. “Sabe coco”, comprovamos, depois de experimentar. Raspando o coco de babaçu é ainda possível fazer uma espécie de farinha maizena, “boa para o estômago e para tratar diarreias”, diz Mateus, parecendo uma enciclopédia da floresta.

“Cada vez que morre um idoso, perde-se conhecimento sobre botâ-







# Um rio, duas cores



e uma menina chamada Naiá, que aspirava ser transformada em estrela. Como as noites passavam e a lua não a escolhia para ser uma estrela, Naiá atirou-se ao lago, quando viu a lua cheia refletida nas águas. “A lua teve pena e transformou-a numa vitória régia, a que nós chamamos estrela de água ou vitória amazônica”, explica o nosso guia, que está a escrever um livro sobre mitologia indígena e quer fazer outro de histórias para crianças indígenas. A flor vitória régia abre todos os dias às cinco da manhã e às cinco da tarde, conta Mateus). Depois do trajecto de carro, segue-se outra viagem de barco, uma lancha a motor, onde se tem o primeiro contacto com a floresta alagada e os igarapés.

Uma viagem que se revela tranquila e recompensadora. Dormir na selva (ou melhor, rodeado por ela) é uma experiência única. A floresta nunca dorme. De noite, há mil e um subtis ruídos: de insectos, sapos e outros animais às madeiras a ranger. Mas nada que impeça um sono tranquilo até ao nascer do sol. No caso, até um pouco antes do amanhecer, porque o plano incluía ver o nascer do sol no barco. Na verdade, é mais um amanhecer, porque as nuvens mandam na Amazônia.

Não deixa, porém, de ser interessante sentir esse acordar da floresta e do rio. Ouve-se um boto, o famoso golfinho cor-de-rosa, a mergulhar, mas ninguém o consegue ver. Ma-

teus, o guia, vai desfilando conhecimento sobre a fauna amazônica, ao ritmo dos pássaros que sobrevoam o rio ou das perguntas curiosas de quem nunca esteve na selva. Fala da capivara, o maior roedor da Amazônia, do martim-pescador, o pequeno pássaro que agora faz um voo rasante ao rio. Vemos bandos de periquitos, caracará (um parente do falcão), papagaios e o famoso urubu, que bate as asas e em seguida plana fazendo inveja a um avião.

São os últimos minutos antes do regresso à civilização. É hora de voltar a Manaus, embora com bônus: uma boleia de hidroavião. Depois de sentir a floresta por dentro, temos oportunidade de a ver pelo ar. É o complemento ideal. Subimos aos 1000 pés de altitude e planamos suavemente a 200 quilómetros por hora. Vê-se a imensidão da floresta, apenas interrompida por rios e lagos. É um espectáculo natural de verde e água. E percebe-se na plenitude a razão de Ferreira de Castro ter descrito a selva amazônica como “essa majestade verde, soberba e enigmática”.



fugas.publico.pt/331357

**C**onselho de amigo para quem for a Manaus: se for de avião, viaje à janela. É que, na parte final do voo, se o tempo não estiver demasiado mau, terá oportunidade de apreciar uma paisagem única. Primeiro é todo o verde da Amazônia, entrecortado por rios de cores diferentes. E ao chegar a Manaus pode ter a sorte de o piloto dar a volta no rio, podendo apreciar (de um ângulo excepcional) o famoso Encontro das Águas, que é, a par do Teatro Amazonas, um dos locais mais visitados pelos turistas que se deslocam a Manaus. Um é obra do homem, o outro um capricho da natureza. O Encontro das Águas é de fácil acesso, mesmo para quem tiver pouco tempo na cidade, já que fica ao largo de Manaus.

O rio Negro nasce no hemisfério Norte, na Colômbia, enquanto o Solimões vem do hemisfério Sul, do Peru. Juntam-se ao largo de Manaus e não se misturam imediatamente, porque há grandes diferenças de temperatura e de velocidade entre os dois. O rio Negro é mais quente (24° a 28°, consoante as fontes) do que o Solimões (18° a 24°, conforme as fontes), além de ser também mais lento. A cor escura do Negro deve-se às matérias orgânicas e a

cor barrenta do Solimões é dada pelas argilas que a água transporta. É curioso colocar a mão nas águas dos dois rios e sentir as diferenças de temperatura.

O fenómeno do Encontro das Águas prolonga-se por seis quilómetros, às vezes mais. Uma teoria defende que o rio Amazonas, o mais caudaloso rio do mundo e que o Brasil também reclama ser o mais extenso, se forma aqui, na junção do rio Negro e do Solimões. A outra diz que o Negro é apenas mais um afluente do Solimões, que antes de entrar no Brasil já tem o nome de Amazonas.



As matérias orgânicas dão cor escura ao rio Negro e as argilas que a água transporta dão cor barrenta ao Solimões



permitirão duchas de água quente.

O isolamento do Juma tem um preço. Cada noite custa entre 300 e 500 euros por pessoa. É o preço de estar no meio da Amazônia, a 100km de Manaus e longe da civilização. A maneira normal de lá chegar é numa viagem de barco-carro-barco de três horas. Atravessa-se o rio em Manaus, passando pelo Encontro das Águas (onde os rios Negro e Solimões se juntam para formar o Amazonas), até ao Careiro da Várzea. É aí que começa a viagem num pão de forma, a mítica “combi” da Volkswagen, que é um sucesso no Brasil. Pelo meio, apenas uma paragem para ver a famosa vitória régia, uma planta conhecida como a estrela da água (Mateus há-de contar a lenda em redor desta planta, que inclui a Jaci, lua para os indígenas,